

REFLEXÕES EM TORNO À MINORIDADE: de Francisco de Assis a Francisco de Roma (I)

Fr. Aldir Crócoli, OFM Cap*
Fr. Vanildo Luiz Zugno, OFM Cap**

Resumo

A minoridade é um dos elementos fundamentais do carisma franciscano. Em Francisco de Assis e na tradição franciscana, mais do que uma qualidade, ela se constitui por um modo de relacionar-se com Deus, consigo mesmo, com os irmãos e irmãs, tanto na comunidade religiosa como na Igreja e, no horizonte mais amplo, na sociedade. Minoridade que se expande para além do humano e alcança, como em Francisco de Assis, a todo as criaturas. A partir dos textos de Francisco de Assis e da tradição franciscana primitiva, o artigo busca compreender o que significa a minoridade em cada uma destas relações e as coloca em diálogo com o magistério do Papa Francisco. O resultado é um quadro de similaridade na proposta dos dois Francisco que se, na distância do tempo e de circunstâncias são muito diferentes, naquilo que sustenta o fundamental da relacionalidade cristã e franciscana – a minoridade – se aproximam e dialogam admiravelmente.

Palavras-chave: Minoridade; Francisco de Assis; Papa Francisco; Igreja; Sociedade.

* Frade Menor Capuchinho na Província do RS. Doutor em Teologia (PUC – RJ). Professor na ESTEF.

** Frade Menor Capuchinho na Província do RS. Doutor em Teologia (EST.- São Leopoldo, RS) Professor na ESTEF.

INTRODUÇÃO

Fraternidade e minoridade constituem o caráter originário do carisma que o Espírito concedeu àqueles que são chamados a seguir o caminho de Francisco de Assis. Conjuntamente, elas conformam as outras dimensões do carisma franciscano: a contemplação, a apostolicidade e justiça, paz e integridade da criação. A vida do frade, esteja ele diante de Deus ou junto ao povo, será sempre uma vida de fraternidade e de minoridade¹.

A fraternidade indica a relação de *irmãos*. A minoridade, por sua vez, o modo específico como esta relação se constitui. Com efeito, para Francisco de Assis, cada frade é chamado a colocar-se diante do outro como *irmão menor*. Condição que não implica em oposição ao superior e muito menos numa construção de rivalidade ou desejo de igualar-se. Tampouco autodepreciação. Ser menor é uma escolha e condição para melhor servir ao outro².

É de se notar que Francisco de Assis nunca usa o termo substantivo abstrato *minoridade*. Ele sempre usa o termo *menor/menores* como adjetivo de um sujeito que, normalmente, é o *irmão* ou o *conjunto dos irmãos*. Na linguagem de Francisco de Assis, o adjetivo é sempre comparativo e faz referência ao seu oposto: *maior/maiores*. O irmão é *menor* em relação a alguém que lhe é *maior* ou que ele o constitui como seu *maior*. A minoridade é, além de relacional, dinâmica. “*Menor* não significa um *estado adquirido*, porque sempre é possível ser mais pequeno, ou menos importante, até mesmo no caso em que uma pessoa já seja pequena ou pouco importante”³. Ela nunca é absoluta e estática⁴.

Como as relações que estabelecemos em nossas vidas são múltiplas e diversificadas, a minoridade não é dada de uma vez por sempre. Não

1. CONSTITUIÇÕES da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, n. 2. Em: CONSTITUIÇÕES da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos e Ordenações dos Capítulos Gerais com a Regra e o Testamento de São Francisco. Roma, 2013. Disponível em: <https://www.ofmcap.org/pt/documenti-ofmcap/constituicoes-ofmcap> Acesso em: 21 de março de 2020. Sobre a relação entre fraternidade e minoridade, ver, p. ex.: HAMER, Jerome. La Fraternidad y la Minoridad. Características de la vocación evangélica del hermano menor. *Selecciones de Franciscanismo*, Valencia. Vol. 20, n. 59, p. 171-178.

2. OSSANA, Faustino. La minoridad propuesta por San Francisco a sus Hermanos. *Selecciones de Franciscanismo*, Valencia, Vol. XXV, n. 73, p. 79-108. Esta nota: p. 89.

3. MAILLEUX, Roma. La minoridad em la Regla y en las Constituciones. *Selecciones de Franciscanismo*, Valencia. Vol. XXI, n. 62, p. 195-212. Esta nota: p. 195.

4. OSSANA, Faustino. La minoridad propuesta por San Francisco a sus Hermanos. *Selecciones de Franciscanismo*, Valencia. Vol. XXV, n. 73, p. 79-108. Esta nota: p. 88.

existe uma minoridade natural. Ela se constrói e reconstrói na dinâmica das relações e está sempre a se renovar em cada nova circunstância que nos cabe viver⁵. Nesse sentido, se optarmos por usar o substantivo abstrato *minoridade*, deveríamos sempre pensá-lo no plural, pois, cada um de nós, na medida em que se relaciona com diferentes pessoas e diferentes grupos, vive diferentes formas de *minoridades*.

Essa afirmação tem ainda mais importância ao constataremos que, na experiência franciscana, a fraternidade não se resume ao grupo que se reúne em torno a Francisco ou no seguimento de sua experiência. A fraternidade de Francisco é aberta, é universal. A todos ele chama de irmãos: os leprosos, os ladrões, os camponeses, os burgueses, os nobres, os bispos, os muçulmanos e todas as criaturas. Por isso ele é o “Irmão Universal”.

Em cada uma dessas relações de fraternidade, há uma forma específica de ser menor. Não é o mesmo ser menor diante do bispo e diante do leproso, diante do camponês e do lobo, diante do nobre e do muçulmano. O que constitui minoridade em um caso, pode não sê-lo em outro. Variação que se dá também no tempo. Ser menor em relação a uma pessoa ou grupo no tempo de Francisco se dava de forma diferente do que no início da Idade Moderna ou nos tempos atuais. A história, a exegese e a hermenêutica dos textos são sempre necessários ao tentarmos compreender a minoridade que somos chamados a viver hoje com a minoridade vivida por Francisco em seu tempo e em suas relações.

Feitas estas observações iniciais, nos propomos neste texto a realizar algumas breves explorações em torno ao ser menor vivido por Francisco de Assis relacionando-o com outro Francisco que, neste momento conturbado da história da sociedade e da Igreja, também faz um veemente apelo, em obras e palavras, para que reconstruamos a fraternidade humana e cristã a partir de relações de minoridade. Com efeito, o Papa Francisco, desde o início de seu pontificado, ademais de ter que enfrentar sérios problemas no interno da Igreja, tem sido um sinal e uma voz que clama por novas relações sociais e eclesiais, por uma humanidade e uma Igreja que não se deixem guiar pela tentação do poder, do domínio de uns sobre os outros, mas que se pautem pelo serviço que

5. WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 7-72. Esta nota: p. 14.

se estende, como na experiência de Francisco de Assis, para além do humano, para com todas as criaturas.

Mais do que analítico e reflexivo, nosso texto pretende ser aproximativo e figurativo. É uma provocação para que, a partir dos dois Franciscos, coloquemo-nos todos na dinâmica de compreender e praticar novas relações.

A MINORIDADE DIANTE DE DEUS

Para Francisco de Assis, a fonte de toda minoridade nasce da atitude de colocar-se diante de Deus. No Testamento de Francisco, sete vezes ele afirma que, em sua vida, sempre foi Deus a tomar a iniciativa. Para ele, é evidente que o ser humano não é aquilo que ele estabelece a partir de si mesmo, mas a partir do que ele é na sua relação com Deus: “PORQUE, quanto é o homem diante de Deus, tanto é e nada mais (Adm 19,2)⁶.

Colocado diante de Deus, o ser humano dá-se conta que a Deus tudo pertence e tudo o que existe dele procede e, por isso, tudo – tanto as coisas materiais e especialmente as espirituais – são motivo para sua honra e louvor:

E restituamos todos os bens ao Senhor Deus altíssimo e sumo e reconheçamos que todos os bens são dele e por tudo demos graças a ele, de quem procedem todos os bens. E o mesmo altíssimo e sumo, único Deus verdadeiro, os tenha, e lhe sejam restituídos; e ele receba todos as *honras* e reverências, todos os louvores e *bênçãos*, todas as graças e *glória*, ele, de quem é todo o bem, o único que é bom (RnB 17,17-18).

Para Francisco de Assis, tal modo de pensar o ser humano em relação a Deus não era desejável apenas para os frades. Era uma afirmação a ser assumida por todos os cristãos, frades ou não, que se dispõem a acompanhá-lo no seu modo de relacionar-se com Deus. É o que aparece na *Carta a Todos os Fiéis (Segunda Recensão)*:

...toda a criatura que está nos céus, na terra, no mar e nos abismos renda a Deus louvor, glória, honra e bênção, porque ele é a nossa força e fortaleza, ele é o único bom, o único

6. Utilizamos, para notas e referências das fontes franciscanas, a edição oficial da Família Franciscana do Brasil: FONTES FRANCISCANAS. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

altíssimo, o único onipotente, admirável, glorioso e o único santo, louvável e bendito pelos infinitos séculos dos séculos (2Fi 61-62).

Como podemos perceber, neste texto, Francisco de Assis não apenas estabelece a relação de impossível igualdade entre o ser humano e Deus. Ele inclui na minoridade diante de Deus a todas as criaturas, tornando assim impossível qualquer relação idolátrica que pretenda colocar qualquer que seja a criatura, até as que estão nos céus, num lugar superior ou igual a Deus.

Na mesma direção, e com ainda mais força, está a afirmação de Francisco na Carta a toda a Ordem: “Deus vos enviou por todo o mundo inteiro, para que, por palavras e obras, deis testemunho de sua voz e anunciéis a todos que não há ninguém onipotente além dele” (CtOrd 9).

À medida que amadurecia na sua experiência de fé e se aproximava de sua morte, Francisco expressa cada vez mais forte essa consciência do absoluto de Deus e, por consequência, da minoridade do ser humano em relação a Ele.

No *Bilhete a Frei Leão*, escrito de próprio punho por Francisco de Assis no outono de 1224, são elencados uma série de atributos que são antecidos pelo artigo definido singular: “Tu és o Santo, o forte. Tu és a humildade. Tu és a paciência...”. Tal construção indica que, para Francisco, tais qualificativos pertencem unicamente a Deus e a nenhum ser humano ou outra criatura podem ser atribuídos.

O *Cântico do Irmão Sol*, antes de cantar o louvor das criaturas, inicia por estabelecer claramente a minoridade delas diante de Deus, incluído o ser humano: “Altíssimo, onipotente, bom Senhor, Teus são o louvor, a glória, a honra e toda a bênção. Só a ti, Altíssimo, são devidos; e homem algum é digno de te mencionar” (Cnt 1-2). A Compilação de Assis, ao narrar a criação do Cântico do Irmão do Sol, relata que Francisco “reconhece que nos servimos a cada dia das criaturas, sem as quais não podemos viver e nas quais o gênero humano muito ofende o Criador; e a cada dia somos ingratos a tanta graça, porque por elas não louvamos como deveríamos o nosso Criador e doador de todos os bens” (CA 88, 2-122).

O mesmo conteúdo está presente em outra oração de Francisco de Assis, a *Exortação ao Louvor do Senhor*, onde, numa coletânea de

frases reunidas a partir de diversas orações litúrgicas, ele convida todas as criaturas e os seres humanos, aí incluída a Virgem Maria e o Arcanjo Gabriel, a louvor ao único capaz de “receber o louvor e a honra” e à “Santa Trindade e a indivisa Unidade”.

Mas é na oração final da *Regra não Bulada* (RnB 23) onde o paralelo da grandiosidade de Deus e da pequenez do ser humano diante dele aparece de forma mais forte e explícita nos escritos de Francisco de Assis. Ele inicia a oração aclamando a grandeza do Deus “onipotente, altíssimo, santíssimo e sumo Deus, Pai santo e justo, Senhor e Rei dos céus e da terra” que, por sua bondade, realizou a salvação em seu Filho encarnado Jesus Cristo (v. 1-8). Quanto aos seres humanos, “todos nós, miseráveis pecadores, não somos dignos nem sequer de pronunciar o vosso nome” (v. 9). É uma distância incomensurável e uma relação desigual que só pode ser superada pela ação misericordiosa de Deus (v. 25) com a ajuda da intercessão dos que já estão salvos (v. 12-15).

Quanto aos humanos, sua relação com Deus é de uma ainda mais absoluta minoridade em relação a Deus. Eles são menores que os outros menores. Diante de Deus, os frades não passam de “miseráveis e pobres, pútridos e asquerosos, ingratos e maus” (v. 26a).

É no reconhecimento dessa minoridade que o frade descobre que Deus “nos cumulou e cumula de todos os bens” (v. 26b) e é ela que lhe permite alegrar-se em Deus e experimentá-lo “sempre inteiramente desejável acima de todas as coisas por toda a eternidade” (v. 34).

Na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco, ao falar das tentações dos agentes de pastoral, assume a minoridade diante de Deus como um dos grandes desafios para todas as lideranças cristãs. Ele a trata a partir do seu oposto que ele chama de “mundanismo espiritual”, assim descrito:

...é buscar, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal. É aquilo que o Senhor censurava aos fariseus: “Como vos é possível acreditar, se andais à procura da glória uns dos outros, e não procurais a glória que vem do Deus único”? (Jo 5,44). É uma maneira sutil de procurar “os próprios interesses, não os interesses de Jesus Cristo” (Fl 2,21) (EG 93).

O “mundanismo espiritual”, segundo o Papa Francisco, “se esconde por detrás de aparências de religiosidade e até mesmo de amor à

Igreja” (n. 93) e se mostra, naqueles católicos que mostram um “cuidado exibicionista da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja, mas não se preocupam que o Evangelho adquira uma real inserção no povo fiel de Deus e nas necessidades concretas da história” (n. 95). Fora da Igreja, o mundanismo espiritual dos católicos “esconde-se por detrás do fascínio de poder mostrar conquistas sociais e políticas, ou numa vanglória ligada à gestão de assuntos práticos, ou numa atração pelas dinâmicas de autoestima e de realização auto referencial” (n. 95).

Em ambos os casos, “não traz o selo de Cristo encarnado, crucificado e ressuscitado, encerra-se em grupos de elite, não sai realmente à procura dos que andam perdidos nem das imensas multidões sedentas de Cristo” (n. 95).

As deformações espirituais que levam a esse caminho são apontadas com clareza pelo Papa: o gnosticismo e o neo-pelagianismo (n. 94). Na *Gaudete et Exsultate*, todo o segundo capítulo é dedicado a tratar estas duas deformações da espiritualidade cristã que impedem ao ser humano de ver-se na sua condição de minoridade diante de Deus.

Segundo o Papa Francisco, o gnosticismo, além de negar a encarnação de Deus e a carne dos seres humanos, especialmente os mais pobres (n. 37-39), opõe-se à fé cristã porque, “por sua natureza, quer domesticar o mistério, tanto o mistério de Deus e da sua graça, como o mistério da vida dos outros” (GE 40). Com efeito, “Deus supera-nos infinitamente, é sempre uma surpresa e não somos nós que determinamos a circunstância histórica em que O encontramos, já que não dependem de nós o tempo, nem o lugar, nem a modalidade do encontro”. Com efeito, “quem quer tudo claro e seguro, pretende dominar a transcendência de Deus”, pretende ser maior que Deus (GE 41).

Tampouco, segundo o Papa, podemos ter a pretensão de negar a presença de Deus neste ou naquele lugar, nesta ou naquela pessoa. O bispo de Terni, como vimos acima, sabia, com certeza, onde Deus poderia estar e onde não poderia estar. Para ele, Deus só poderia estar na pregação do rico, do nobre e do letrado. Francisco, utilizando a grandeza da minoridade, mostra-lhe que Deus está presente também no paupérrimo, no desprezado e no iletrado.

Nisto, Francisco de Assis é reconhecido na fala de Francisco de Roma:

Não se pode pretender definir onde Deus não Se encontra, porque Ele está misteriosamente presente na vida de toda a

pessoa, na vida de cada um como Ele quer, e não o podemos negar com as nossas supostas certezas. Mesmo quando a vida de alguém tiver sido um desastre, mesmo que o vejamos destruído pelos vícios ou dependências, Deus está presente na sua vida (GE 42).

A MINORIDADE CONSIGO MESMO

A dimensão da minoridade que mais causa estranheza à cultura atual e que pouco se reflete é a da minoridade para consigo mesmo. Vivemos na civilização do culto à personalidade e do egocentrismo onde há extrema dificuldade em olhar para si mesmo com uma perspectiva crítica. E maior dificuldade ainda há em reconhecer as debilidades que carregamos dentro de cada um de nós. Toda crítica é tomada como ofensa e a autocrítica como masoquismo. As técnicas de *coaching* e autoajuda, tão em voga na atualidade, partem do pressuposto de que tudo o que somos é bom e que basta direcionar e potencializar para alcançar o sucesso e a felicidade.

A perspectiva com que Francisco de Assis olha para si mesmo e convida os seus irmãos a também fazê-lo, é bem diferente. E não se trata de pessimismo antropológico ou de desprezo pelo ser humano. É perceber-se a si mesmo nas reais dimensões para poder dar passos adiante e alcançar a realização. Se esse caminho não fosse real e possível, Francisco de Assis não teria chegado à condição humana a que chegou a ponto de ser considerado o Homem do Segundo Milênio no qual tantos, cristãos e não cristãos, buscam inspiração para viver a sua humanidade.

Não há dúvida que ele vaza a autoanálise com a linguagem e as categorias antropológicas do seu tempo tão distante do ufanismo e do antropocentrismo muitas vezes exagerado e patológico da modernidade. Por isso, mais do que determo-nos nas palavras e expressões, é importante perceber a dinâmica com a qual Francisco de Assis expressa a percepção que tem de si mesmo para poder dar o salto em direção ao Absoluto.

Iniciemos com um trecho das *Admoestações* que é exemplar deste modo de pensar:

Presta atenção, ó homem, à grande excelência em que te colocou o Senhor Deus, porque te criou e te formou à imagem de

seu dileto Filho segundo o corpo e à sua semelhança segundo o espírito. [...] Pois, se fosses tão sutil e sábio a ponto de teres toda ciência e saberes interpretar todos os gêneros de línguas e perscrutares com sutileza a respeito das coisas celestes, em nada disso te podes gloriar; porque um só demônio conhecia das coisas celestes e agora conhece das terrenas mais do que todos os homens, mesmo que existisse alguém que recebesse do Senhor um conhecimento especial da mais alta sabedoria. Igualmente, se fosses mais belo e rico do que todos e também se operasses maravilhas, de maneira a afugentares os demônios, tudo isto te é contrário, e nada te pertence, e em nada dessas coisas podes gloriar-te; mas nisto podemos gloriar-nos, em nossas fraquezas e em carregar cada dia a santa cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo (Adm 5,1-8).

Francisco não nega a grandeza do ser humano. Ela procede da grandeza divina e só a Deus deve ser atribuída. Ao mesmo tempo, o ser humano traz em si a pequenez das fraquezas que não tem sua origem em Deus, mas na própria humanidade. Dentro de cada pessoa, há o humano e há o divino. Vivemos no íntimo de nosso ser a dialética da maioridade e da minoridade.

A consciência desta tensão permanente que vivemos não faz do frade um homem triste, amargurado. Pelo contrário, conduze-o à verdadeira alegria que nasce da consciência de si mesmo e da possibilidade de um caminho futuro a seguir:

E saibamos firmemente que nada nos pertence, a não ser os vícios e pecados. E mais devemos alegrar-nos, quando formos submetidos a diversas provações e quando suportarmos quaisquer angústias da alma ou do corpo ou tribulações neste mundo por causa da vida eterna (RnB 17,7-8).

Dentro da linguagem da época, Francisco de Assis descreve a possibilidade de transcendência que nasce da consciência da minoridade interior com a figura da “vida eterna”.

Contra a minoridade interior, está a tentação de aparentar, diante dos outros, ser mais do que realmente se é. Francisco de Assis, utilizando a linguagem paulina, chama-a de “tentação da carne”:

Não devemos ser sábios e prudentes segundo a carne, mas antes devemos ser simples, humildes e puros. E mantenhamos nossos corpos em opróbrio e desprezo, porque todos, por nossa culpa, somos miseráveis e pútridos, fétidos e vermes, como diz o Senhor pelo profeta: “Eu sou um verme e não um homem, opróbrio dos homens e abjeção do povo” (2Fi 45-46).

A *Legenda dos Três Companheiros* descreve com esmero o longo processo porque passou Francisco de Assis na conversão interior que lhe permitiu ver-se em sua minoridade com olhar misericordioso para encontrar o caminho de Deus.

Um passo importante desse processo são as visões que teve no caminho à Apúlia. Confrontado no seu desejo de tornar-se maior, ele “recolheu-se todo em seu interior” para tentar compreender o que aquele sonho significava (LTC 6,11). É na oração que Francisco começa a encontrar a resposta que buscava:

Certo dia, quando rezava fervorosamente ao Senhor, foi-lhe dada a resposta: “Francisco, se queres conhecer a minha vontade, é necessário que desprezes e odeies tudo o que amaste carnalmente e desejaste ter. Depois que começares a fazer isso, as coisas que antes te pareciam suaves e doces serão para ti insuportáveis e amargas, e naquelas coisas que antes te causavam horror, haurirás grande doçura e imensa suavidade” (LTC 11,1-2).

A ocasião para que tal mudança interior se concretizasse, foi o encontro com o leproso:

...ao caminhar nas cercanias de Assis, encontrou um leproso. E porque se acostumara a ter muito horror de leprosos, fazendo violência a si mesmo, desceu do cavalo e ofereceu-lhe uma moeda, beijando-lhe a mão. E, depois de ter recebido do mesmo [leproso] o ósculo da paz, montou novamente em seu cavalo e prosseguiu seu caminho. A partir de então, *começou cada vez mais a desprezar a si mesmo até chegar de maneira perfeita, pela graça de Deus, à vitória sobre si* (LTC 11,3-6. Grifo nosso).

A dinâmica que permite mudar o conceito que temos de nós mesmos e percebermo-nos em nossa minoridade não nasce de um processo

de introspecção e de um solipsismo espiritual. É o abrir-se à voz de Deus e à presença questionadora do outro, do pobre, que nos permite encontrar-nos em nossa pequenez e iniciar o caminho da superação de nossos pecados em direção a Deus e, no caminho, viver a perfeita alegria, tal como lembram os *Fioretti*:

Acima de todas as graças e de todos os dons do Espírito Santo, os quais Cristo concede aos amigos, está o de vencer-se a si mesmo, e voluntariamente pelo amor suportar trabalhos, injúrias, opróbrios e desprezos, porque de todos os outros dons de Deus não nos podemos gloriar por não serem nossos, mas de Deus (Fior 8).

Na *Gaudete et Exsultate*, ao propor um caminho de santidade para os dias atuais, o Papa Francisco trata diretamente da minoridade interior indicada e vivida por Francisco de Assis. Os “dois inimigos sutis da santidade”, o gnosticismo e o pelagianismo, cada um a seu modo, são escolhos que impedem de vivê-la.

Fundamentados num “imanentismo antropocêntrico disfarçado de verdade católica”, da uma destas “falsificações da santidade” (GE 35), impede que nos percebamos em nossa real condição humana. Por um lado, o gnosticismo, ao pretender reduzir o mistério divino à capacidade da razão humana, coloca o ser humano acima do próprio Deus (GE 43).

A refutação do gnosticismo é feita por Francisco de Roma numa explícita referência à tradição franciscana:

São Francisco de Assis, ao ver que alguns dos seus discípulos ensinavam a doutrina, quis evitar a tentação do gnosticismo. Então escreveu assim a Santo António de Lisboa: “Apraz-me que interpreteis aos demais frades a sagrada teologia, contanto que este estudo não apague neles o espírito da santa oração e devoção”. Reconhecia a tentação de transformar a experiência cristã num conjunto de especulações mentais, que acabam por nos afastar do frescor do Evangelho. São Boaventura, por sua vez, advertia que a verdadeira sabedoria cristã não se deve desligar da misericórdia para com o próximo: “A maior sabedoria que pode existir consiste em dispensar frutuosamente o que se possui e que lhe foi dado precisamente para o distribuir (...). Por isso, como a misericórdia é amiga da sabedoria, assim a avareza é sua inimiga”. “Há atividades,

como as obras de misericórdia e de piedade, que, unindo-se à contemplação, não a impedem, antes favorecem-na” (GE 46).

Por outro lado, o pelagianismo também impede ao ser humano de reconhecer-se na sua fragilidade. Ao confiar na própria ação para alcançar a salvação, o ser humano também se coloca superior a Deus e esquece de que, só pela Graça, pode-se chegar à plenitude.

Segundo o Papa Francisco, quando os pelagianos “...se dirigem aos frágeis, dizendo-lhes que se pode tudo com a graça de Deus, basicamente costumam transmitir a ideia de que tudo se pode com a vontade humana, como se esta fosse algo puro, perfeito, onipotente, a que se acrescenta a graça” (GE 49).

O pelagianismo faz com que nos pensemos maiores do que realmente somos. Nós não somos super-homens e muito menos divinos. Mas, “se não reconhecemos a nossa realidade concreta e limitada, não poderemos ver os passos reais e possíveis que o Senhor nos pede em cada momento, depois de nos ter atraído e tornado idôneos com o seu dom” (GE 50). Quem pensa que já está no topo, está convencido que não já mais caminho a andar e ficará eternamente parado no mesmo lugar.

Na crítica do Papa Francisco aos “dois inimigos sutis da santidade”, reverberam as palavras de São Francisco aos seus confrades:

Portanto, acautelemo-nos, irmãos todos, de toda soberba e vanglória; e guardemo-nos da sabedoria deste mundo e da prudência da carne; pois o espírito da carne quer e se esforça muito por ter as palavras, mas pouco por fazer as obras, e procura não a religião e a santidade interior do espírito, mas quer e deseja ter a religião e santidade que aparecem exteriormente aos homens (RnB 17,9-11).

A MINORIDADE DIANTE DOS IRMÃOS

A fraternidade evangélica é, na experiência de Francisco, uma fraternidade minorítica onde cada um busca relacionar-se com os irmãos como se fossem seus senhores.

Na *Regra não Bulada*, ao descrever as relações entre os frades, ele evita as palavras superior/senhor para designar aqueles que têm a responsabilidade de cuidar dos outros irmãos: “Todos os irmãos que são instituídos como ministros e servos dos demais irmãos...” (RnB 4,1).

Francisco inverte a ordem do mundo medieval em que os senhores/superiores mandavam e os servos/inferiores obedeciam. Nessa inversão, são os frades que devem vigiar se os ministros andam conforme o espírito do movimento:

...todos os irmãos que estão sob o cuidado dos ministros e servos considerem com bom senso e diligentemente as ações dos ministros e servos. E se virem um deles proceder carnalmente e não espiritualmente segundo a retidão de nossa vida, depois da terceira admoestação, se não se emendar, denunciem-no no Capítulo de Pentecostes ao ministro e servo de toda a fraternidade, sem nenhum obstáculo que o possa impedir (RnB 5,3-4).

A fundamentação para tal inversão de relações Francisco a encontra no próprio Evangelho quando Jesus afirma a seus discípulos: “Não vim para ser servido mas para servir” (Mt 20,28). Na Regra não Bula da Francisco insiste para que ninguém seja chamado de “prior”, mas todos indistintamente se chamem “irmãos”. E uns lavem os pés dos outros” (RnB 6,3-4). Nas *Admoestações*, Francisco utiliza novamente a imagem do Lava-pés para caracterizar a relação de minoridade: “Os que estão constituídos sobre os outros não se vangloriem dessa superioridade mais do que se estivessem encarregados de lavar os pés aos irmãos. E se a privação do cargo de superior os perturba mais que a privação do encargo de lavar os pés, tanto mais acumulam bolsas para o perigo da alma” (Adm 4,2-3). Tal fundamentação do novo jeito de relacionar-se entre irmãos é ampliada logo adiante na RnB:

Igualmente, nenhum irmão exerça qualquer poder ou domínio, mormente entre si. Pois, como diz o Senhor no Evangelho: *Os príncipes das nações as dominam, e os que são os maiores exercem poder sobre elas; não será assim entre os irmãos; e quem quiser tornar-se o maior entre eles seja o ministro e servo deles; e quem é o maior entre eles, faça-se como o menor* (RnB 5,9-12).

A tentação de reproduzir no interno da nova fraternidade as relações de dominação não era fácil de ser evitada. Além de indicar o modo positivo de relacionar-se com os irmãos – ministro/servo – Francisco se vê obrigado a mencionar explicitamente o modo como não devem ser as relações: “E ninguém se denomine prior, mas todos, sem exceção, sejam

chamados de irmãos frades menores” (RnB 6,3). Ser ministro, dentro do espírito da minoridade, é um vigiar-se constantemente a si mesmo para não cair na tentação da superioridade em relação aos irmãos:

Aquele a quem foi confiada a obediência e que é tido como maior seja o menor e servo dos outros irmãos. E faça e tenha misericórdia para com cada um dos irmãos, como gostaria que se lhe fizesse, se estivesse em caso semelhante. Não se ire contra o irmão por causa do pecado dele, mas, com toda a paciência e humildade, admoeste-o e benignamente o apoie (2Fi 42-44).

O grande desafio, para Francisco de Assis e para todos, é o de viver esta nova forma de relações entre os irmãos no cotidiano. O desejo de superioridade, de senhorio, aflora de muitos modos nas situações mais corriqueiras e é preciso dominá-lo para que não volte a tomar conta da vida dos frades. É preciso disciplina para manter as relações minoríticas no dia a dia:

E cuidem todos os irmãos para não se caluniarem nem porfiarem com palavras; muito pelo contrário, esforcem-se por manter o silêncio, sempre que Deus lhes conceder a graça. Nem briguem entre si nem com outros, mas procurem responder humildemente, dizendo: sou servo inútil. E não se irem, porque todo aquele que se irar contra seu irmão, será réu de juízo; quem chamar a seu irmão de imbecil será réu de conselho; que o chamar de louco será réu do fogo da geena. E amem-se uns aos outros, como diz o Senhor: Este é o meu mandamento, que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei. E mostrem por obras o amor que têm uns aos outros, como diz o apóstolo: não amemos por palavras nem com a língua, mas por obra e em verdade. E não blasfemem contra ninguém; não murmurem, não difamem os outros, porque foi escrito: os murmuradores e difamadores são odiáveis aos olhos de Deus. E sejam modestos, mostrando toda a mansidão para com todos os homens; não julguem, não condenem. E, como diz o Senhor, não considerem os mínimos pecados dos outros, meditem muito mais sobre os próprios na amargura da alma. E esforcem-se por entrar pela porta estreita, porque diz o Senhor: Estreita é a porta e apertado o caminho

que conduz à vida; e poucos são os que o encontram (RnB 11,1-13)⁷.

Para falar da relação de cuidado que cada irmão deve manter para com o outro, Francisco utiliza a imagem da mãe: “E com confiança um manifeste ao outro a sua necessidade, para que lhe encontre e sirva as coisas necessárias. E cada qual ame e nutra a seu irmão, como a mãe ama e nutre seu filho; nestas coisas Deus lhe concederá a graça” (RnB 9,10-11. Cf. RB 6,8).

Também a Legenda dos Três Companheiros, para descrever a minoridade vivida entre os primeiros frades, recorda tal imagem utilizada por Francisco: “Amavam-se uns aos outros com profundo amor, serviam-se e nutriam-se mutuamente como uma mãe a seu filho único e dileto. Tanto ardia neles a caridade que lhes parecia fácil entregar seus corpos à morte, não somente pelo amor de Cristo, mas também pela salvação da alma ou do corpo de seus irmãos” (LTC 41,8-9).

Na idealizada fraternidade apresentada pela Legenda dos Três Companheiros, as relações entre os frades são de mútua submissão e tal é alcançado quando os ministros lideram no caminho da minoridade:

Estavam, pois, tão arraigados e fundados no amor e na humildade que um reverenciava o outro como pai e senhor, e aqueles que sobressaíam pelo ofício de prelado ou por outra qualidade pareciam mais humildes e desprezíveis do que os outros. Igualmente, todos se dispunham totalmente a obedecer, colocando-se imediatamente à disposição da vontade de quem ordenava (LTC 42,3-4).

O *Espelho da Perfeição*, na tentativa de manter os frades dentro do espírito original da fraternidade franciscana, descreve a Francisco, já perto de sua morte, pedindo ao Ministro Geral que designe um dos irmãos para que esteja com ele e assim poder sempre obedecer (2EP 46).

Segundo a mesma fonte, o Santo de Assis não fazia distinção entre os irmãos quando se tratava de viver a obediente minoridade:

Um dia, chegou mesmo a dizer a seus companheiros: Entre outras, o Senhor me deu a graça de obedecer diligentemente tanto a um noviço que entrou hoje na Ordem, se ele me fosse

7. Indicações de como viver a minoridade no cotidiano também estão presentes em *Adm* 8,3; 23,1-2.

indicado como guardião, quanto àquele que, na Ordem, é o primeiro e mais idoso. De fato, o súdito não deve considerar seu superior como homem, mas como Deus, pelo amor do qual se submete a ele (2EP 46,2-4).

A vivência da minoridade de Francisco não se restringia aos companheiros e companheiras com os quais vivia. Ela se expandia em círculos cada vez mais expansivos. Ao irem pelo mundo, os frades deviam manter a mesma postura de submissão a todos:

Quando os irmãos vão pelo mundo, nada levem pelo caminho, nem bolsa nem sacola nem pão nem dinheiro nem bastão. E, em qualquer casa em que entrarem, digam primeiramente: Paz a esta casa. E, permanecendo na mesma casa, comam e bebam do que eles tiverem. Não resistam ao mau, mas àquele que lhes bater numa face, ofereçam-lhe também a outra. E a quem lhes tirar a veste, não lhe proibam de tirar também a túnica. Tenham atenção para com todo aquele que lhes pede: E se alguém lhes tirar as coisas que são suas, não as peçam de volta.

A mesma atitude de minoridade deve ser vivida na relação com aqueles que, no tempo de Francisco, eram considerados os maiores inimigos da Cristandade: os sarracenos. Em plena época de Cruzadas, o discurso dominante na sociedade e na Igreja era de ir até onde se encontravam os sarracenos, submetê-los pela força das armas e forçá-los à conversão da fé cristã. Francisco consente que os frades se dirijam à Terra Santa. Mas muda o método e a finalidade. Francisco não permite que os frades partam para combater ou converter. Sua proposta é de ir “para o meio dos sarracenos e outros infiéis” (RnB 15,3). O ir para combatê-los ou convertê-los supõe uma posição de superioridade tanto política como religiosa. Francisco quer que os frades vão para “conviver espiritualmente entre eles” sem nenhuma pretensão de superioridade. Pelo contrário, eles devem ir, como cabe sempre ao frade, na condição de menores: “...não litiguem, nem porfiem, mas sejam submissos a toda criatura humana por causa de Deus e confessem que são cristãos” (RnB 15,6).

Nesse sentido, a minoridade fraterna de Francisco de Assis ganha uma dimensão ecumênica e inter-religiosa muito adiante do espírito de seu tempo.

Um dos clamores levantados pelo Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* reverbera a preocupação de Francisco de Assis em construir uma comunidade de irmãos: “Não deixemos que nos roubem o ideal do amor fraterno”! (EG 101).

O clamor nasce da constatação de que, não só na sociedade (EG 98-99), mas também na Igreja e na Vida Religiosa Consagrada, há relações que não primam pela fraternidade e minoridade:

...me dói muito comprovar como nalgumas comunidades cristãs, e mesmo entre pessoas consagradas, se dá espaço a várias formas de ódio, divisão, calúnia, difamação, vingança, ciúme, a desejos de impor as próprias ideias a todo o custo, e até perseguições que parecem uma implacável caça às bruxas (EG 100).

Segundo Francisco de Roma, vivendo os cristãos de forma tão anti-evangélica, torna-se impossível evangelizar. A solução, assim como a apontada por Francisco de Assis, é voltar a viver a fraternidade no serviço uns dos outros:

Aos cristãos de todas as comunidades do mundo, quero pedir-lhes de modo especial um testemunho de comunhão fraterna, que se torne fascinante e resplandecente. Que todos possam admirar como vos preocupais uns pelos outros, como mutuamente vos encorajais, animais e ajudais: “Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,35).

Fraternidade que, como em Francisco de Assis, se abre ecumenicamente e inter religiosamente pois se baseia na afirmação de que

a fé leva o crente a ver no outro um irmão que se deve apoiar e amar. Da fé em Deus, que criou o universo, as criaturas e todos os seres humanos – iguais pela Sua Misericórdia –, o crente é chamado a expressar esta fraternidade humana, salvaguardando a criação e todo o universo e apoiando todas as pessoas, especialmente as mais necessitadas e pobres (FRANCISCO; AL-TAYEB, 2019).

Continua no próximo número de *Grande Sinal*.